

https://www.academia.edu/7021230/A_Cultural-Existential_Approach_to_Therapy_Merleau-Pontys_Phenomenology_of_Embodiment_and_its_Implications_for_Practice

O termo “psicopatologia”, devido a sua construção composta, convida os praticantes da psicoterapia a localizar a “patologia” dentro do espaço “psicológico” da pessoa que exhibe os sintomas de sofrimento. Ele exemplifica como um vocabulário técnico pertencente a um discurso cultural moderno está investido de significado. Neste caso, a nomenclatura “psicopatologia” indica ou sugere um modo de ver e compreender que pressupõe que as pessoas são seres distintos, desconectados das coisas, lugares e das outras pessoas. A esse modo de ver se deve a nossa tendência cultural de atribuir as causas das “patologias” à pessoa e não ao ambiente ou a cultura – um viés cognitivo que se infiltra na cultura ocidental, conhecido como “erro de atribuição fundamental”. Ao invés de descontextualizar a subjetividade e os sintomas do sofrimento humano dessa forma, Merleau-Ponty sustenta que a experiência humana é radicalmente situada:

Dentro e fora são inseparáveis. Este mundo está totalmente dentro e eu estou totalmente fora de mim mesmo... Na medida disso, quando eu penso na essência da subjetividade, descubro que ela está colada com a essência do corpo e com a essência do mundo, isto porque a minha existência como subjetividade é apenas uma com a minha existência como um corpo e com a existência do mundo, e porque o sujeito que eu sou, quando tomado concretamente, é inseparável de seu corpo e de seu mundo (Merleau-Ponty, Fenomenologia da Percepção).

Aqui, podemos dizer que Merleau-Ponty prefigura seu pensamento pós-cartesiano em relação à encarnação que aparece em *O Visível e o Invisível* (1964/1968). Lá, Merleau-Ponty reformula sua compreensão do sujeito encarnado como ‘carne’. Ao fazer isso, ele desenvolve um entendimento pré-objetivo que se dirige para além da noção de divisão sujeito-objeto. Ao invés disso, ele descreve ‘a carne como a noção última, que não é a união ou composição de duas substâncias, mas que é apreensível por si’ (p.140), porque a carne do corpo e a carne do mundo se espiralam uma sobre a outra, como em um processo de entrelaçamento e desdobramento. Refletir sobre um ou sobre outro é possível a partir de uma deiscência – algo como uma abertura, como a que ocorre em uma semente madura, ou outro tipo de ruptura – ocorrendo em momentos nos quais a carne está descortinando aspectos de si mesma ao decretar uma divisão de si como aspecto vidente e como aspecto visível da investigação. Dentro desse referencial, qualquer discussão tradicional sobre ‘psicopatologia’ seria no máximo apenas parcialmente reveladora. Em contraste, uma noção holística de ‘patologia’ é suscetível a campos e sistemas nos quais pode haver falhas de reciprocidade ou rupturas que dispersam o que poderia, de outra forma, representar interconexões harmoniosas e sincrônicas entre significado e carne. Essas falhas ou rupturas, a partir da ontologia de Merleau-Ponty, podem ser referenciadas como tipos de ‘patologias da carne’.

Neste caso, sugerimos que a patologia da carne ocorre quando a reflexão se vê privada de suas possibilidades de, sensual e dialeticamente, inquirir a plenitude contínua do presente vivo. Quando a reflexão se vê diminuída dessa forma, a pluralidade das fontes que abrangem a experiência permanece ‘inconsciente’ ou invisível. Por extensão, o poder de reflexão que torna possível que contextos importantes da experiência emirjam como linguagem permanece inerte. A fala pode, então, regredir para ‘palavras faladas’ sem vida, nas quais o interjogo gerativo que se dá entre a investigação encarnada e os contextos culturais é relegado a um espaço estreito ou sedimentado de atribuições sobre a experiência. A obstrução dessa expansão gerativa sobre significados restritos torna mudo o campo de significação que Merleau-Ponty chama de ‘significado selvagem’.

Quando as possibilidades plurivocais, sensuais e imaginais da ‘intenção significativa’ são limitadas por convenções circunscritas e fixas para nomear e identificar a nós mesmos, aos outros e a situações, nosso senso de identidade se torna reificado. Além disso, podemos começar a enxergar o horizonte do mundo como inóspito. Os convites pragmáticos para viver significados autênticos presentes em coisas, espaços e lugares podem ser ignorados ou considerados impossíveis de serem aceitos quando atribuições culturais insensíveis se tornam barreiras para modos de ser ou para o senso individual de identidade viva. O perigo aqui é que nos entreguemos ao abandono da carne – uma renúncia a, dialeticamente, ver, sentir, falar e criar meios significativos de sermos no mundo e de sermos-com os outros. Não mais capazes de apreender a carne do mundo em termos humanos apropriadamente situados, sintomas de uma vida desintegrada e desvitalizada emergem em nós.